

BRISTOL
CLUBS
DANCING



FALAR de MULHERES Dez anos depois

COORDENAÇÃO
Isabel Henriques de Jesus,
Paula Gomes Ribeiro, Rita Mira
e Zília Osório de Castro

No Centenário do Conselho
Nacional das Mulheres Portuguesas

hnmus



FALAR DE MULHERES. DEZ ANOS DEPOIS

Coordenação
ISABEL HENRIQUES DE JESUS
PAULA GOMES RIBEIRO
RITA MIRA
ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO

Capa: Mafalda Matias

Imagem da capa: Ilustração de Jorge Barradas, capa da revista

ABC: Revista Portuguesa, 1927, cortesia de Sandra Leandro

Paginação: Margarida Baldaia

© Edições Húmus, Lda., 2016
Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Telef. 252 301 382
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2016

Depósito legal: 419549/16

ISBN: 978-989-755-245-8

FALAR de MULHERES Dez anos depois

COORDENAÇÃO

Isabel Henriques de Jesus,
Paula Gomes Ribeiro, Rita Mira
e Zília Osório de Castro

húmus



ÍNDICE

Apresentação	11
LUÍS BAPTISTA, MANUEL PEDRO FERREIRA E ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO	

Convergências	13
ISABEL HENRIQUES DE JESUS, PAULA GOMES RIBEIRO, RITA MIRA E ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO	

DESAFIOS ACTUAIS

Memórias (Síntese das jornadas anteriores)	19
ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO	

Falar de mulheres. Sentidos e oportunidade	27
ISABEL HENRIQUES DE JESUS	

Da diversidade como ameaça. 'Le péril rose' ou a música na construção social de papéis de género	35
PAULA GOMES RIBEIRO	

NOS CEM ANOS DA CRIAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS

Nos cem anos da criação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas	49
NATIVIDADE MONTEIRO	

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas numa perspetiva transnacional (Europa do Sul e América Latina nas primeiras quatro décadas do século XX)	53
ANNE COVA	

Os 33 anos do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Do republicanismo e feminismo ao antifascismo	67
JOÃO ESTEVES	

Adelaide Cabete nas suas próprias palavras	85
PAULO GUINOTE	

GÉNERO E POLÍTICA

Género e política	103
ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO	

Género e tomada de decisão na esfera política em Portugal	107
MANUEL LISBOA E ANA LÚCIA TEIXEIRA	

Mujeres en política y políticas para mujeres durante la democracia española	123
MARÍA DE LA PAZ PANDO BALLESTEROS	

GÉNERO E MÚSICA

Género e música	149
PAULA GOMES RIBEIRO	

Sobre o silenciamento do feminino na história da música. D. Maria Ana de Áustria e a prática musical na corte joanina	153
MANUELA MORILLEAU DE OLIVEIRA	

O discurso de Francine Benoît sobre o canto coral na revista <i>Os Nossos Filhos</i>	171
MARIANA CALADO	

Inquirir os discursos da sexualidade feminina nos parâmetros actuais de 'microcelebridade'	185
MINERVA MARTINS	

GÉNERO E PSICANÁLISE

- Género e psicanálise 197
David Figueirôa
- O fenómeno da violência familiar na dinâmica das relações 201
PATRÍCIA ATALAYA
- Psicanálise, linguagem e performatividade de género 211
ANTÓNIO FERNANDO CASCAIS

GÉNERO E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

- Género e estudos pós-coloniais 231
ANA ROSA MOTA
- Mulheres em contextos subsarianos. Breve nota sobre os seus mundos e as suas circunstâncias 233
SÓNIA FRIAS
- Rebeldia e insubmissão. O feminismo e o movimento de mulheres no Brasil contemporâneo 245
CLÁUDIA MAIA
- Mulheres árabes e desafios do presente 259
EVA-MARIA VON KEMNITZ
- Me llamo mujer indígena 271
IZASKUN ÁLVAREZ CUARTERO

GÉNERO, PACIFISMO E I GUERRA MUNDIAL

- Género, pacifismo e I Guerra Mundial 289
NATIVIDADE MONTEIRO

Nacionalismo, internacionalismo, pacifismo. As vozes das mulheres – três itinerários	293
MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO	
AFPP – Associação Feminina Portuguesa para a Paz (1935-1952). Diferentes percursos para a paz	303
LÚCIA SERRALHEIRO	
A guerra no feminino. Linhas que se cruzam numa frente conturbada	321
MARIA LÚCIA DE BRITO MOURA	
“Devolvam os nossos maridos”. A luta das mulheres portuguesas pela libertação dos prisioneiros de guerra	339
FÁTIMA MARIANO	
GÉNERO E MODA	
Género e moda. São precisos dois/duas para dançar o tango	351
CRISTINA L. DUARTE	
<i>Cabelos à Joãozinho e melindrosas</i> . Uma nova imagem das mulheres nos anos 1920	353
IRENE VAQUINHAS	
Nota final	361
ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO	

NACIONALISMO, INTERNACIONALISMO, PACIFISMO

AS VOZES DAS MULHERES – TRÊS ITINERÁRIOS

Maria Manuela Tavares Ribeiro*

Resumo: Consideremos os exemplos de três mulheres e dos seus itinerários no período entre as duas guerras – Annette Kolb, Louise Weiss, Marie-Elisabeth Lüders. A abordagem destes três itinerários permite-nos ver como estas mulheres procuraram compreender as mutações que a Primeira Grande Guerra tinha provocado no equilíbrio europeu – num mundo então eurocêntrico e, após 1945, no equilíbrio do mundo. O seu itinerário caracteriza-se ainda pelo gosto, pelo estudo e pela compreensão das relações internacionais.

Nos anos 20, Kolb, Weiss e Lüders tinham adquirido uma experiência internacional rara na época, sobretudo para uma mulher. Elas tiveram a coragem de defender posições anticonformistas, e até mesmo provocatórias, no contexto do seu tempo.

Palavras-chave: nacionalismo, pacifismo, Annette Kolb, Louise Weiss, Marie-Elisabeth Lüders.

Abstract: We will consider the examples of three women and their journeys in the period between the two World Wars – Annette Kolb, Louise Weiss and Marie-Elisabeth Lüders. The approach to these three journeys allows us to see how these women tried to understand the changes that the First World War had brought to the European balance – both in the Eurocentric world of the time and, after 1945, in the world's balance. Their journeys are also

* Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes), Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.
mtribeiro7@gmail.com.

characterized by the appreciation, the study and the understanding of international relations.

During the 1920s, Kolb, Weiss and Lüders had acquired an international experience that was rare for their time, especially for women. They had the courage to defend anti-conformist and even provocative stances in the context of their time.

Keywords: nationalism, pacifism, Annette Kolb, Louise Weiss, Marie-Elisabeth Lüders.

O pacifismo nascente no século XIX teve também as suas defensoras e militantes – mulheres – como Bertha von Suttner, Prémio Nobel da Paz em 1905. Organizações como o Conselho Internacional das Mulheres (1888) e a Aliança Internacional das Mulheres (1904) formam um primeiro campo transnacional. É verdade que a Primeira Guerra Mundial provocou cisões, tanto no seio das feministas e das organizações femininas, como entre os pacifistas. Apesar de tudo isto, as mulheres reagiram. Por exemplo, com a criação da Ligue Internationale des Femmes pour la Paix et la Liberté, em 1915.

De igual modo, a Sociedade das Nações (SDN) constitui para as militantes da Paz uma esperança de reorganização das relações internacionais e do desenvolvimento de uma paz durável. Personalidades como Geneviève Tabouis (1892 -1985) (Tabouis, 1958), Louise Weiss (1893-1983) ou Suzanne Schreiber (1895-1976)^[1] frequentam as sessões da SDN e têm um papel de primeiro plano nos meios próximos dessa instituição internacional (Tabouis, 1958). Durante os anos 20 uma miríade de movimentos milita pela paz. Mas há também um movimento de opinião de apoio à SDN, recusando muitas vezes a etiqueta pacifista. As mulheres são activas, sim, mas as divisões são frequentes no meio pró-SDN. Na origem estão razões de ordem política, mas também questões pessoais. De facto, verifica-se que as mulheres mais influentes no seio do movimento pró-SDN são-no menos pela sua actividade nas associações específicas e muito mais pelo trabalho que realizam como responsáveis ou como coordenadoras. No entanto, as mulheres têm dificuldade em impor-se, quer nas organizações, quer como diplomatas. A SDN aparece-lhes como um meio de contornar os obstáculos nacionais. Compreende-se, assim, que durante os anos

1 Suzanne Schreiber foi, nos anos 30, Delegada à Sociedade das Nações.

30, organizações feministas vejam a SDN como um meio de conseguir apoios para a sua causa (Birebent, 2008).

O papel dos meios pacifistas na reconciliação franco-alemã é assinalável. Sublinhe-se a reflexão sobre a unidade europeia no período entre guerras. Existe uma grande variedade de movimentos pacifistas – de católicos, a Internationale démocratique, de Marc Sangnier; de protestantes, a Alliance Universelle pour l’Amitié Internationale par les Églises; de mulheres, a Ligue Internationale des Femmes pour la Paix et la Liberté, e ainda as Ligas dos Direitos do Homem ou os movimentos de juventude (Guieu *et al.*, 2006).

No período entre guerras, o combate feminista e o combate pacifista confundem-se muitas vezes. É exemplo disso a intensa actividade de Louise Weiss. Divulgou-se então o *slogan* “sortez et abolissez la guerre” (Vaïsse, 2004, pp. 73-74).

A Ligue Internationale des Femmes pour la Paix et la Liberté, por exemplo, sofre do mesmo declínio que as associações masculinas. Por um lado, com actividades votadas à ineficácia, por outro lado, com actividades mais gerais muitas vezes conduzidas por iniciativa das mulheres. As associações feministas agem então, como todas as sociedades de paz, confrontadas com os totalitarismos.

Tomemos agora os exemplos de três mulheres e dos seus itinerários no período entre as duas guerras – Annette Kolb, Louise Weiss, Marie-Elisabeth Lüders.

As vozes de três mulheres

Annette Kolb (1870-1967), de ascendência franco-alemã (filha de uma pianista parisiense e de um funcionário da Baviera), foi jornalista e articulista de várias revistas pacifistas. Autora de numerosas obras literárias e políticas, manteve correspondência assídua com o escritor Romain Rolland. O seu itinerário pacifista valeu-lhe a saída da Alemanha para o exílio na Suíça, a partir de 1917. Desde os anos 20 Annette Kolb denuncia todas as formas de totalitarismo (o nacional-socialismo, os movimentos de direita em França, entre outros) e, até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, não cessa de repetir que as democracias subestimam o perigo representado pela Alemanha nazi, criticando qualquer tipo de política de “apaziguamento”. Nesta época regressa à Alemanha, mas deixa, uma vez mais, o seu país em 1933. Passa de novo por França, vem até Espanha e Portugal e parte para

Nova Iorque. Durante a vida pugna corajosamente pela reconciliação franco-alemã. A sua dupla nacionalidade – francesa e alemã – causou-lhe situações dolorosas, sem dúvida. Compreende-se. Mas é também essa dupla nacionalidade “qui lui permet d’avoir une vue plus impartiale, c’est au nom de son altérité qu’elle prend la parole... c’est cette vue qui legitime son discours” (Walle, 2006, p. 247).

Em Janeiro de 1963, Annette Kolb assiste, já com 93 anos, à assinatura do Tratado do Eliseu, tratado este que firma a reconciliação entre a França e a Alemanha na qual tanto se empenhara.

Marie-Elisabeth Lüders (1878-1966), professora, é a primeira mulher com um doutoramento numa universidade alemã (em Direito e Ciências Políticas), obtido em 1912. Entre 1915 e 1916, é a única mulher na administração civil num país ocupado. Deputada pelo Partido Democrata Alemão ao Reichstag até 1933, é eleita membro do Secretariado ao Congresso dos juristas e participa na elaboração de uma lei que adquire o seu nome sobre a regulamentação da nacionalidade das alemãs casadas com estrangeiros. Presa em 1937, proibida de publicar, ensina em 1945 numa escola de administração para militares americanos que se encontram na Alemanha. De 1953 a 1966, é deputada pelo Partido Liberal Democrático (FDP) ao Bundestag.

Louise Weiss (1893-1983) nasce em Arras no seio de uma família burguesa e, contra as práticas habituais da época, vai prosseguir os seus estudos em Londres. Faz a Agregação e envereda depois pela prática do jornalismo. Funda e dirige a revista *L’Europe Nouvelle*, que se publica entre 1918 e 1940, embora Weiss tenha interrompido a sua direcção. Nela colaboram personalidades políticas da época com quem Louise Weiss mantém uma estreita relação pessoal. A sua permanência como exilada nos Estados Unidos reveste-se de intensa resistência. Regressa a França e empenha-se activamente no combate pela Paz. Escreve as suas *Mémoires d’une européenne* (6 volumes). É eleita para o Parlamento Europeu – a primeira mulher eleita – em 1979. Cria a Fundação com o seu próprio nome que, ainda hoje, atribui o Prémio Louise Weiss.

Três mulheres, três itinerários

Annette Kolb, interessa acentuar, pugnou pela reconciliação franco-alemã.

Louise Weiss, judia, mulher de fronteira, a fronteira do Reno, conheceu a carnificina da Primeira Guerra Mundial, depois a da Segunda

Guerra Mundial e denunciou a forte responsabilidade dos nacionalismos que sacrificaram milhões de vidas humanas.

Já Marie-Elisabeth Lüders, responsável pela organização do trabalho das mulheres nas oficinas de guerra em 1914-1918, deputada do Partido Liberal durante a República de Weimar, como já referi, depois representante da Alemanha na Comissão Económica de Genebra, incarnou o nacionalismo alemão. Assumiu, desta forma, o consentimento passivo, mas por vezes mesmo activo, de um grande número de mulheres alemãs.

A abordagem destes três itinerários permite-nos ver como estas mulheres procuraram compreender as mutações que a Primeira Grande Guerra tinha provocado no equilíbrio europeu – num mundo então eurocêntrico e, após 1945, no equilíbrio do mundo. Qual o seu objectivo? Estudar a génese dos conflitos para os evitar. O seu itinerário caracterizou-se ainda pelo gosto, pelo estudo e pela compreensão das relações internacionais.

Nos anos 20, Kolb, Weiss e Lüders tinham adquirido uma experiência internacional rara na época, sobretudo para uma mulher. Elas tiveram a coragem de defender posições anticonformistas, e até mesmo provocatórias no contexto do seu tempo.

Louise Weiss empenhou-se no estudo científico da guerra. No âmbito da polemologia, Weiss considerava a guerra como um fenómeno sociológico, podendo ser estudado cientificamente. Essa reflexão fê-la com outras personalidades na sua revista *L'Europe Nouvelle* e na *Nouvelle École de la Paix*, fundada em 1930^[2].

Louise Weiss convergia com a reflexão do seu amigo Jean Monnet. Nesta perspectiva, a Sociedade das Nações, criada em 1919, seria insuficiente para prevenir os conflitos. Por isso, Louise Weiss propôs-se analisar um método que fosse um instrumento de trabalho para todos os que lutavam para a consolidação da paz, e que fizesse da política uma ciência fundada no exacto conhecimento dos factos. Esta ciência – a polemologia – deveria ser o instrumento que, por um lado, desse conhecimento dos meios que favorecessem o progresso da

2 A *Nouvelle École de la Paix*, instituição de ensino ligada à Academia de Paris, estava sediada no Quai d'Orsay, tendo sido depois transferida para a Sorbonne. Além dos alunos (214, em 1930) frequentavam-na membros da Universidade, advogados, homens de negócios, homens de letras, etc. A sua actividade diminuiu a partir de 1935. Havia razões de ordem política: entre outras, a remilitarização da Renânia, a guerra de Espanha. Em 1936, suspendeu o ensino.

coexistência pacífica e, por outro lado, contribuisse para a formação de pessoas melhor qualificadas em matéria de prevenção da guerra. Tal era o objectivo da Nouvelle École de la Paix, instituição de ensino que estimulava um método de discussão das questões internacionais. Alimentava-se a ilusão de que a Primeira Grande Guerra teria sido a última das últimas guerras (“Der des Der”) (Rousseau, 1994).

É, pois, na óptica de abertura do mundo que Annette Kolb e Louise Weiss tentam redefinir as noções-chave de pátria, patriotismo, nação. Todas as formas de nacionalismo conduzem, a seu ver, a um empobrecimento. Num discurso proferido na Sociedade Literária de Dresden (1915), Annette Kolb, empenhada no combate pacifista, afirma que o amor da pátria não é um dado natural, mas é fruto de uma reflexão. A seu ver, o amor da pátria implica uma abertura ao mundo (Saint-Gille, 1996; Saint-Gille, 1999; Ribeiro, 2006; Baltazar, 2011).

Mas já Marie-Elisabeth Lüders fez a apologia, em 1914, da argumentação sobre a guerra como factor de equilíbrio para o seu país – Alemanha – e para as mulheres. Como afirmava (utilizo a tradução francesa), “pour des milliers d’entre nous, c’est le bonheur de trouver l’équilibre par la participation active à une grande cause” (Bäumer & Lüders, 1916, pp. 5-6). E as suas posições não se alteraram, mesmo com os contactos internacionais, nomeadamente com Louise Weiss. Lüders fala do “dever das mulheres do mundo inteiro de pôr em movimento a fé que move montanhas” e reivindica a sua admissão nas instâncias internacionais de Genebra. Exprime o seu orgulho de ser cidadã de uma grande nação que tem uma missão cultural no mundo – posição ambígua que defende, a um tempo, a manutenção da paz e a afirmação de uma Alemanha dominada pela ideologia prussiana.

É essencialmente através das suas actividades jornalísticas, nacionais e internacionais, que Louise Weiss e Annette Kolb tentam um traço de união entre diferentes tendências políticas: Louise Weiss, através da sua revista *L’Europe Nouvelle*, e Annette Kolb, como articulista de revistas literárias e pacifistas, de que são exemplo *Weissen Blätter* ou *Weltbühne*, ou ainda de revistas internacionais (*Frankfurter Zeitung*, *Neue Zürcher Zeitung*). Kolb defende mesmo a criação de uma *Revista das Nações*, que aliás tinha sido proposta num colóquio em Munique, em 1914, mas que nunca fora publicada. Sublinhe-se ainda que Weiss e Kolb acreditam utopicamente nas virtudes da diplomacia e crêem na acção dos diplomatas pacifistas para evitar os conflitos.

A reconciliação franco-alemã, germe da unidade europeia

Em 1931, no seu ensaio *Geständnisse*, Annette Kolb afirma que “Les Français et les Allemands seraient le sel de la terre” (Saint-Gille, 1999, pp. 106 e 117).

O seu forte empenho na reconciliação franco-alemã é veemente contra toda a tentativa pangermanista. É sintomático desta sua persistente atitude a evocação de Carlos Magno como “salvador do mundo”. Louise Weiss lembra-o igualmente no seu discurso de abertura da primeira sessão do Parlamento Europeu, que sugestivamente intitulou “Un combat pour l’Europe”, em 1979. Nele exalta o poder unificador de Carlos Magno: “Il intégra la péninsule ibérique à l’Europe, il concilia la latinité et le germanisme” (Weiss, 1994, p. 42).

Com efeito, também na perspectiva de Louise Weiss, a reintegração da Alemanha no concerto das nações não era um objectivo meramente bilateral, mas era decisivo para uma maior abertura e para a inclusão de pequenos países como a Checoslováquia ou a Polónia.

Propôs, portanto, uma ligação relacional mais vasta no mundo político e literário. Lembre-se, por exemplo, que Weiss apoiou com particular empenho a luta pela independência checa. Conhecia bem a realidade da Europa Central, e as suas múltiplas viagens estimulavam uma enorme curiosidade política, social e cultural. Sublinhe-se também a sua admiração e amizade por Aristide Briand que, em 1926, recebeu, com o alemão Gustav Stresemann, o Prémio Nobel da Paz. Para Weiss, o “Apóstolo da Paz”, como apelidava o seu amigo Briand, interpretava bem o seu pensamento político. Basta lembrar o projecto Briand-Kellogg (1928). De igual modo, em 1929, Annette Kolb saudou o profissionalismo político de Aristide Briand, seguiu de perto a política de Stresemann e acompanhou as etapas de aproximação franco-alemã. E quando a Alemanha integrou a Sociedade das Nações, Kolb deslocou-se a Genebra para participar nas sessões (Saint-Gille, 1996, p. 82).

Em 1931, num Congresso internacional privado a favor do desarmamento e da Paz, que ocorreu em Paris, com Édouard Herriot, Paul Painlevé, Henri de Jouvenel e outros, cuja organização coube à revista *L’Europe Nouvelle*, para além de Louise Weiss, esteve presente Marie-Elisabeth Lüders³ (*L’Europe Nouvelle*, n.º 721, 5 décembre 1931,

3 Entre as quatrocentas organizações participantes, de trinta países, havia um certo número de associações de mulheres, sendo quatro da Alemanha. O tema das sessões era “Pourquoi désarmer? Quand désarmer? Comment désarmer?”.

pp. 1623-1640). Aí as participantes femininas foram alvo de críticas pelos opositores a Aristide Briand (Jean-Chiappe, Pierre Laval, André Maginot). Na sua intervenção, Lüders pediu a admissão das mulheres na SDN “como especialistas da paz”, porém, manteve-se arreigada às estruturas de um “nacional-feminismo”.

Para Louise Weiss, membro presente e acreditado em todos os debates da SDN em Genebra, o insucesso dessa Conferência marcou o início da deterioração das relações internacionais. No entanto, Aristide Briand e Gustav Stresemann esforçaram-se por fazer compreender aos delegados as sequelas dos nacionalismos aguerridos. Era urgente manter e consolidar a Paz. Daí a importância do projecto de Federação Europeia apresentado por Aristide Briand à SDN, em Genebra, em 1929. Este projecto, tornado *Memorandum* em 1930, propunha o “laço federal” para unir a Europa numa organização coerente e produtiva.

Assim, Louise Weiss protagonizou uma política europeia em termos práticos e apontou mesmo para uma união económica (Weiss, 1994).

Annette Kolb conferiu a essa política um cariz mais espiritual. Visou sobretudo uma Europa das elites intelectuais e artísticas. Nesta linha, os intelectuais tinham uma missão – a de “maintenir les peuples dans le droit chemin”. Por isso, sustentava Kolb que só o regime democrático era capaz de os conduzir ao poder. Ela incarnava as tradições nacionais e culturais alemãs, mas evocava igualmente uma entidade europeia e cristã: “elle exaltait la culture allemande, mais elle lui donnait un contenu différent: là où Thomas Mann voyait ‘une culture nationale’, elle décelait précisément l’inverse, en soulignant l’esprit universel et supranational de tous les génies allemands” (Saint-Gille, 1999, p. 185).

Das três mulheres, é Louise Weiss quem demonstra uma maior clareza na análise das ambiguidades da SDN. Ela percebe, de forma perspicaz, a urgente necessidade do reforço da coesão política frente ao aparecimento dos regimes totalitários. Em Fevereiro de 1934, Weiss decide, como diz, “casser la plume”. De facto, vai abandonar a direcção da revista *L’Europe Nouvelle*, que dirigira desde 1918, depois de assistir à sessão da SDN, em que Goebbels foi aplaudido pelos mesmos delegados que, anos antes, haviam recebido com entusiasmo Aristide Briand (Weiss, 1994).

Persuadida pelo ideal de uma acção militante pela fraternidade humana, Weiss empenhar-se-á devotadamente, a partir de então, a outras actividades: luta pelo sufrágio feminino, pela independência checa, pela construção da unidade europeia, pelo conhecimento de

outros povos e outras culturas, pelas viagens, filmes e entrevistas que fez e, ainda, sublinho, pela intervenção política, anos mais tarde, no Parlamento Europeu.

A ligação sentimental, mas também dolorosa, a duas pátrias – Alemanha e França – será sempre o *élan* fundador e estimulante do compromisso político de Annette Kolb.

Marie-Elisabeth Lüders recolhe-se numa atitude de “emigração interior”, o seu refúgio, após a subida ao poder de Hitler em 1933.

Estas três mulheres revelam, pela sua inteligência e acção, o muito que fizeram num período em que se dava ainda pouco crédito à atitude política feminina. No entanto, o seu trabalho, os seus compromissos, a sua actividade, demonstrados na intervenção pública, no discurso, na escrita, nas redes de relações criadas, patenteiam bem o seu contributo, diferente é certo, mas assinalável, como vimos, no período entre guerras, que preparou o que aconteceria após 1945.

Recordo as palavras lapidares de Louise Weiss: “les grandes phrases m’horripilent, parce qu’elles ne sont pas génératrices de vie. Et la vie c’est l’action, et l’action, en politique, ce n’est pas l’agitation, mais la réalisation”^[4] (Walle, 2006, p. 254).

Referências bibliográficas

- BALTAZAR, I. (2011). Louise Weiss (1893-1983). Reflexões sobre as Memórias de uma Europeia. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 26, 11-30.
- BÄUMER, G. & LÜDERS, M.-E. (1916). Die Frauen und der Krieg. In *Krieg jahrbuch des Bundes Deutscher Frauenvereine*. Berlin.
- BIREBENT, C. (2008). Militantes pro-SDN en France et au Royaume-Uni dans les années 1920: quelle influence. In J. M. Delaunay & Y. Denéchère (eds.), *Femmes et relations internationales au XXe siècle* (255-265). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- GUIBU, J.-M. et al. (2006). Penser et construire l’Europe au XXe siècle. *L’Europe Nouvelle*, n.º 721, 5 décembre 1931.

4 Compreende-se, a esta luz, que em Dezembro de 1981, Simone Veil tenha recebido o prémio Louise Weiss “pour son inlassable action en faveur de l’Europe et de la Paix”. Foi a primeira mulher a recebê-lo, dez anos depois da sua criação, em 1971. Simone Veil assumiu a presidência, por eleição, da presidência do Parlamento Europeu entre 1979 e 1982.

- RIBEIRO, M. M. T. (2006). Louise Weiss – viagens de uma europeia. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, 22, 115-126.
- ROUSSEAU, C. (1994). Louise Weiss, l'Europe et la paix durant l'entre-deux-guerres. In Fondation Jean Monnet pour l'Europe (dir.) *Louise Weiss, l'Européenne (195-250)*. Centre de Recherches Européennes: Lausanne.
- SAINT-GILLE, A.-M. (1996). Annette Kolb: la Précieuse Radicale. In M. C. Hook-Demarle (dir.), *Femmes, Nations, Europe (261)*. Paris: Publications de l'Université Paris 7, Denis Diderot.
- SAINT-GILLE, A.-M. (1999). *Les Idées politiques d'Annette Kolb*. Berne: Peter Lang.
- TABOUIS, G. (1958). *20 ans de suspense diplomatique*. Paris: Albin Michel.
- VAÏSSE, M. (2004). *La Paix au XXe siècle*. Paris: Belin.
- WALLE, M. (2006). Nationalismes et internationalisme dans l'entre-deux-guerres à travers les itinéraires d'Annette Kolb, Marie-Elisabeth Lüders et Louise Weiss. In J. Delaunay & Y. Denéchère (dir.), *Femmes et relations internationales au XXe siècle (247-254)*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- WEISS, L. (1994). *Mémoires d'une européenne, t. 2, 1919-1934*. Lausanne: Fondation Jean Monnet pour l'Europe, CRE.

FALAR de MULHERES Dez anos depois

Para recordar a criação, em 1914, do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, o Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faces de Eva, Estudos sobre a Mulher, em conjunto com o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical/Núcleo de Estudos em Género e Música, realizou as Jornadas Internacionais *Falar de Mulheres. Dez anos depois*, nos dias 20 e 21 de Outubro de 2014, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Se por um lado retomou, deste modo, uma iniciativa denominada genericamente *Falar de Mulheres*, por outro pretendeu chamar a atenção para o caminho desde então percorrido em Portugal, no sentido da dignificação das mulheres e da sua identidade. O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas pretendeu, de facto, reunir numa frente única as associações femininas existentes então em Portugal, mostrando que um ideal comum as devia congregar para além das diferenças específicas de cada uma delas, conjugando a universalidade com as particularidades dos seus objectivos.

Este mesmo espírito, que se foi concretizando ao longo dos anos da existência do Conselho (seria extinto em 1947), presidiu igualmente à organização destas Jornadas comemorativas. A variedade dos estudos então apresentados e agora aqui publicados aponta para a permanência de um caminho único globalizante e para as vias singulares, individuais e colectivas das opções que se vêm efectivando. E, se é certo que “o caminho faz-se caminhando”, também é verdade que no caminhar se descobrem novos horizontes. Faces de Eva e Núcleo de Estudos em Género e Música pretendem participar neste processo, salientando que ele abrange igualmente o mundo académico.

